



Da passarela do samba ao enredo: a visibilidade da ciência no desfile das escolas de samba

The passarela do samba to the plot: the visibility of science in the parade of samba schools

Alessandro Cury Soares

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
alessandro.cury@ufrgs.br

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

Luiz Felipe Ferreira

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
feliferreirario@gmail.com

Resumo

A pesquisa aqui proposta tem como objetivo analisar a Marquês de Sapucaí, seus contornos e as maneiras com que esta arquitetura engendra o desfile, faz ver e dá visibilidade a ciência presente nos temas das escolas de samba. Essa atitude, conforme nosso entendimento, pode dar conta de criar condições de aprendizagens.

Palavras-Chave: Escolas de Samba. Visibilidade. Ciência.

Abstract

The research proposed here aims to analyze the Marques de sapucaí contours and the ways in which this engenders architecture the parade, do view and gives visibility to science present in samba schools themes. That attitude, according to our understanding, can handle creating the conditions of learning.

Keywords: Samba schools. Visibility. Science.

Introdução

Visitaremos a estrutura arquitetônica da Marquês de Sapucaí a fim de percebermos quais os fatores do local que instituem uma maneira de desfilarmos e de apresentar esse desfile, entendemos que as inscrições das paredes, arquibancadas e espaço como um todo deem conta de um dizer sobre o como fazer desfile e de como ele deve ser organizado e como se deve olhar para os desfiles.

Problematizaremos como as relações de *práticas discursivas* e *não discursivas assujeitam* os desfilantes, os expectadores e a escola de samba propondo uma maneira de olhar os temas através da articulação dos diferentes enunciados que são acionados neste local – o sambódromo.

Tais movimentos podem dar visibilidade a aspectos da/sobre a ciência que atravessam a avenida ano a ano, constituindo uma estética da aprendizagem em outro local que não o *tradicional* – a escola.

Sinalizaremos os recortes que nos levam a propor nossas categorias, quais os elementos que conduzem nosso olhar nessa empreitada que é contida através de nosso referencial teórico.

Enfim, tentaremos dar conta de mostrar o espaço e seus entornos que mobilizam algumas maneiras de se falar em ciências no desfile das escolas de samba cariocas.

A passarela do samba e sua contribuição para as possíveis formas de aquisição de conhecimento

Neste artigo analisaremos os desfiles das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro, na passarela do samba a avenida Marquês de Sapucaí – o popular *sambódromo* - buscando evidenciar seu aspecto disciplinador e didático e sua proximidade com o que chamamos de estética de aprendizagem. Para tanto, não pretendemos aqui marcar o nascimento da Marquês de Sapucaí, no carnaval de 1984, nem tampouco (re)visitar os espaços que a antecederam, mesmo tendo sido eles palcos do evento para o que hoje temos em termos de desfile de escolas de samba.

Na perspectiva pós-crítica em que esse trabalho se insere não se buscam as origens como sendo as relações causais dos acontecimentos, evitamos mostrar uma *evolução* ou ainda uma continuidade dos fatos, fugindo da linearidade como algo natural e não construído. Mostramos o que interpela da Marquês de Sapucaí e quais desses aspectos constituem as práticas que auxiliam na didatização dos enredos apresentados.

Neste sentido, olhamos a estética da passarela do samba Marquês de Sapucaí, suas nuances, sua arquitetura, suas sensações, e o quê seu efeito causa nas escolas de samba, nos seus desfiles, na sua maneira de fazer seu carnaval, nos seus espectadores.

Segundo Harvey (2002, p. 69), “A aparência [...] e o modo como os espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais”, sensações essas que são percebidas pelos espectadores que veem o desfile *in loco* ou pelos telespectadores que observam o mesmo através das câmeras e do que os editores da televisão acham importante ser mostrado. Seja de um ou de outro lugar, temos as sensações e as práticas sociais.

Esses múltiplos olhares (seja em casa ou *in loco*) produzem quase que um *panóptico*¹, na perspectiva *disciplinadora* de Foucault. A Sapucaí *disciplina* o desfile, marca um lugar em que tudo é visto por todos e todos disciplinam todos, julgam cada ala, cada alegoria, cada espaço vazio, pois existem regras, existem olhares que mantêm a maneira de desfilar e de se confeccionar o desfile pela estrutura do local, pelo posicionamento que são dispostos os observadores.

Em seu livro *A ordem do Discurso* (FOUCAULT, 2010), bem como em *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2007a), Foucault identifica alguns procedimento de produção, controle, interdição do discurso e nos mostra que o discurso possui suas visibilidades e dizibilidades, as práticas discursivas e as práticas não discursivas. Ao tomarmos a Sapucaí como documento para análise, estamos analisando o quão eloquente pode ser suas práticas não discursivas.

Conforme Foucault (2010, pp. 54-5),

Não se volta ao aquém do discurso – lá onde nada foi dito e as coisas despontam sob uma luminosidade cinzenta [...] os “discursos”, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de um texto, não são como se poderia esperar um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que analisando os próprios discursos, vemos desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como

¹ Cf. Foucault (2007b).

práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Assim, observamos a estética da Avenida Marquês de Sapucaí nas figuras 1, 2 e 3 localizadas a seguir:

Figura 1 – Visão frontal da avenida de desfiles²



Fonte: Bias (2012).

Figura 2 – Visão da arquibancada³



Fonte: Fotografado pelo autor.

Figura 4 – Visão lateral da arquibancada⁴



Fonte: Fotografado pelo autor.

É possível intuímos a extensão da pista de desfile e a visão do espectador que se encontra nas arquibancadas pela vista lateral, tanto das alegorias como das alas e dos demais atores do desfile. Esta visão lateral permite que se olhe a escola em seu sentido longitudinal,

² O desfile inicia na Avenida Presidente Vargas (concentração) e termina na Praça da Apoteose (dispersão), que se pode ver em primeiro plano na foto.

³ Carro sobre a geração de energia, Unidos do Porto da Pedra, em 2015.

⁴ Ala o Modelo atômico, Unidos do Porto da Pedra, 2015.

sendo necessária uma didatização do tema proposto para que haja uma compreensão daqueles que assistem o desfile, bem como daqueles que o julgam em alguns itens, como, por exemplo: o enredo, que está no *Manual do julgador*⁵ (LIESA, 2014a).

Nesse sentido, a forma de desfile sequencial com encadeamento das ideias, como que em uma *aula*, é um requisito também solicitado pela avenida (pelo espaço e sua arquitetura), para além do que afirmam alguns historiadores do carnaval (MORAES, 1987; ARAÚJO, 2000; CABRAL, 2011; CAVALCANTI, 2006;) quando narram sobre a maneira de desfilar das escolas de samba (sequencial – em linha reta avançando – da concentração para a dispersão) como uma possível herança dos ranchos e grandes sociedades.

Os tempos, o ritmo da Sapucaí

Esse espaço, se configura como nosso sítio arqueológico e nele traçamos um corte profundo e tangencial, onde evidenciamos o nascimento das temáticas que definimos como científicas. Agora, mostramos que há um aumento de temáticas educativas, ou com possibilidade de educar, sobre as ciências ou sobre cada uma delas: química, física e biologia, cruzando o sambódromo todos os anos, instigando nossa expectativa de que algo do campo da ciência possa ser aprendido neste local, por meio dos argumentos e dos métodos ali utilizados para que se ensine aquilo que propõe cada agremiação.

Além do modo de desfile gostaríamos de mostrar que a sapucaí também tem seus tempos, pois cada agremiação tem uma cronometragem controlada pela LIESA, que regimenta todo o espetáculo em um documento⁶ desde a saída dos carros alegóricos do barracão, a concentração de cada agremiação (tempo pré-desfile), o tempo de desfile, bem como o tempo de dispersão (pós-desfile).

Segundo Ferreira (2012, p. 166),

[...] as escolas de samba reunidas na Liesa irão dirigir seus esforços em direção à organização do desfile de forma empresarial, na qual o respeito aos horários de início e fim do espetáculo, o estabelecimento de parâmetros mínimos e máximos com relação a tempo de desfile, a definição do número de componentes nas alas especiais (baianas, bateria e comissão de frente), a padronização do julgamento, a

⁵ O *Manual do julgador* (LIESA, 2014a) é produzido pela Liga Independente das Escolas de Samba – LIESA do Grupo Especial do Rio de Janeiro. Neste documento, encontramos cada item a ser julgado, que é expresso em seu texto para conduzir o olhar do julgador a observar todas as agremiações com os mesmos critérios, criando uma condição de compreensão necessária ao desfile.

⁶ LIESA (2014b).

obrigatoriedade de apresentações “para os jurados” da comissão de frente e do casal de mestre-sala e porta-bandeira estabelecem os virtuais paradigmas para a avaliação de um desfile e a definição de um campeonato.

Quanto ao tempo de desfile, diz o documento: “O tempo de duração do Desfile de cada Escola de Samba será de, no mínimo, 65 (sessenta e cinco) minutos e, no máximo, 82 (oitenta e dois) minutos” (LIESA, 2014b, Cap. VII, Art. 19). Essa normatização gera uma necessidade de se pensar no tempo que cada ala, que cada carro, cada componente da escola ficará na avenida - cerca de 15/20 minutos – formatando o desfile, assujeitando os corpos, engessando a dinâminka. Cria-se a necessidade de se usar signos compreensíveis para uma rápida visualização. Mais do que isto, a escola tem um tempo máximo para contar/cantar sua temática, para entrecruzar suas linguagens e tecer seu enredo.

Outro aspecto diz respeito ao ritmo musical que *compassa* a escola de samba pelo sambódromo, pois cada uma leva um samba de enredo que *canta* a história, sendo que cada bateria se utiliza de um ritmo (de uma batidas) com diferentes conversões (paradinhas) para cadenciar o desfile (andamento); assim como o referencial teórico *cadencia* a maneira de olharmos e analisarmos os documentos de uma pesquisa, a bateria, seu ritmo, cadencia o desfile e o ritmo que ele ocorre gerenciando diretamente no tempo de desfile.

Conforme Ferreira (1995, p. 27) “A cadência e o ritmo que emergem deste grupo de homens e mulheres com seus tambores, dos mais diversos formatos e tamanhos, irão mexer com o sangue que corre por todas as suas artérias”.

Ciência tematizada: quatro momentos narrativos na Sapucaí

Nesse sentido, pretendemos analisar as linguagens do desfile na perspectiva de Foucault, que vê essas linguagens como discursos que *assujeitam*, que interpelam e que mostram uma maneira de ver a ciência.

Ao longo do trabalho, tornaremos visíveis os conceitos do campo da ciência, especialmente no desfile da Unidos da Tijuca de 2004 junto a alguns aspectos que tangem o desfile de uma escola de samba que possibilitam pensar suas relações. Pensar no sentido que nos indica Deleuze, em que “pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento” (DELEUZE, 2005, p. 124).

Realizamos uma busca pelos temas carnavalescos com aspectos ligados as ciências nas Escolas de samba do Rio de Janeiro desde o ano de 1932 - ano que ocorre o *primeiro*

desfile - percebemos que a ciência tem sido interpelada nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro esporadicamente, mas de maneira cada vez mais acentuada. Após a criação do Sambódromo (1984), as temáticas científicas, conforme os critérios de cientificidade que definimos⁷, tem sido mais amiúde presente (SOARES, LOGUERCIO E FERREIRA, 2015). Após verificarmos e categorizarmos os desfiles desde sua gênese, conforme apresentamos no artigo “Dos pontos as linhas: Produzindo contatos entre Ciência e Carnaval” (SOARES; LOGUERCIO; FERREIRA, 2016), observamos a existência de temáticas ligadas a biologia, química, física e a todas elas as quais denominamos como *ciências*, em quase todas percebemos a existência de conceitos científicos, tais como: ecossistema, biodiversidade, modelos atômicos, clonagem, cinemática, eletricidade, fontes renováveis de energia, entre outros.

Na tabela 2 selecionamos quatro temas que podem ilustrar mais comodamente as categorias que *forçadamente* definimos. O termo forçar é muito importante em nossa relação com as compilações dos dados, pois tal como na vida, as temáticas que atravessam a Sapucaí podem ser melhor definidas pela dispersão do que pelo ponto de contato com uma ciência em particular. Assim falar do microcosmo do Salgueiro em 2006 poderia ser categorizado como medicina, saúde conforme vemos no excerto da sinopse ou no logomarca – figura 4 - criada para o tema:

Embarcaremos na insólita viagem ao interior de nós mesmos, entre as unidades mínimas que se compõem de maneira tão organizada e formam a grande máquina humana. Uma expedição nos levando por caminhos inimagináveis, conduzida pela ânsia da descoberta e pelo mistério contido na harmonia entre tantos compostos, matérias e substâncias que se unem na construção da mais bem acabada obra de Deus (GALERIA, 2006).

⁷ “Estas categorias surgem na medida que observamos as sinopses das escolas (focando sempre no grupo especial ou ainda nas escolas hoje entendidas como do grupo especial do Rio de Janeiro) identificando personagens ou conhecimentos que possam ser categorizados na área de Ciências, desta maneira quando falamos em Biologia observamos personagens das Ciências como Darwin em 2010 na União da Ilha do Governador; quando falamos em química podemos verificar o tema da Imperatriz Leopoldinense de 2004 – Breazail – uma narrativa na tentativa de contar um pouco de história do corante e sua extração e da mesma forma para a física, como no tema da União da Ilha do Governador de 2001 – A união faz a força com muita energia – Uma tentativa de dar conta do entendimento do conceito de energia e suas aplicações. Criamos as categorias buscando nos sambas e nas sinopses elementos cujo o perfil epistemológico se aproxime dos campos puros da física, química e biologia. No entanto, a arbitrariedade das disciplinas científicas, e mesmo dos campos da ciência, raramente podem ser traduzidas sem transpor essas fronteiras, que como destaca Bachelard (2006), são fronteiras ilusórias. Assim, há momentos em que todas elas se mostram num mesmo enredo, nesses casos preferimos usar a categoria ciência mesmo ainda que pareça redundante” (SOARES; LOGUERCIO; FERREIRA, 2016, p. 8).

Figura 4 – Logotipo do Enredo do Salgueiro de 2006 – Microcosmos



Fonte: Galeria (2006).

Ou ainda de química se destacarmos o clássico conceito de substância, mas aqui forçamos a biologia, pois ela está sendo considerada uma ciência matriz que estuda a vida (num sentido macro e micro) como fora falado no tema do Salgueiro de 2006 – o microcosmos da terra, do ar, da água e do ser humano.

Tabela 2 – Enredos que tratam da temática da ciência

TEMA ENREDO	ESCOLA DE SAMBA	ANO	CATEGORIA
O sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível	Unidos da Tijuca	2004	Ciência
Microcosmos: o que os olhos não veem o corpo sente.	Acadêmicos do Salgueiro	2006	Biologia
Mangureira energiza a avenida	Mangureira	2005	Física
Breazail	Imperatriz Leopoldinense	2004	Química

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Estação Primeira de Mangureira, 2005, com *Mangureira energiza a avenida*. *O carnaval é pura energia e a energia é o nosso desafio*, tem como fio condutor a ideia de energia e suas multiplicidades, mostra mesmo que de forma bastante superficial e por vezes

SOARES, Alessandro Cury; LOGUERCIO, Rochele de Quadros; FERREIRA, Luiz Felipe (2016).

até mesmo holística a relação das diferentes formas de energia, a necessidade de selecionarmos mais do que uma matriz energética e a importância que isso têm para a sociedade contemporânea.

Se observarmos a sinopse de 2005, podemos encontrar no texto da sinopse a referência a diferentes tipos de energia energia elétrica, energia eólica e energia humana

[...] Se Deus, em sua onipotência, nos deu a inteligência, não podemos desperdiçar.

Mangueira, Estação Primeira, tua energia contagia a avenida inteira.
Tudo na vida tem energia. Na luz que acende, no nascer do dia. No sopro do vento que leva a jangada para a pescaria. No gol da vitória, no abraço da glória de ver minha escola esbanjar alegria (APOTEOSE.COM, 2005, s/p).

Ainda trás um apelo ao consumo excessivo de energia, uma replicação das enunciações que vemos recorrentemente nas mídias, nos ditos de algumas correntes de cientistas e até mesmo em documentos oficiais, como vemos na Figura 5.

Figura 5 – Capa do guia do Ministério de Minas e Energia Brasil



Fonte: Brasil (2015).

A Imperatriz Leopoldinense, no desfile de 2004, apresentou *Brazil*, que faz uma tentativa de narrar a história do corante extraído da árvore que nos *empresta* o nome a nosso país. Essa tarefa começa quase que com uma metodologia laboratorial para a extração do corante, sinalizando para os cuidados procedimento e a fina química perpassada para essa função. Como vemos no excerto retirado da sinopse:

Prepare este líquido em outro caldeirão, na qual acrescentará o alume. Coloque a seda que foi deixada num banho de alume durante um noite, no segundo caldeirão e passe-a por oito banhos quentes. Caso deseje um outro tom, numa tina de água fresca, dissolva um pouco de água-forte. Assim a cor carmesim se transformará em vermelho-fogo denominado scarlatin. Uma reação química, hoje, uma mágica ontem. Os magos alquimistas, precursores dos químicos da era moderna, muito contribuíram para estas descobertas (GALERIA, 2004, s/p).

Uma maneira de contar a história da química, mesmo que de forma truncada, traçando o desenho daquilo que se entende no conceito de reações química.

Desta forma, poderíamos utilizar várias dessas temáticas para visibilizarmos a ciência e seus contornos no desfile de uma escola de samba, o que de fato seria interessante narrar aqui; porém, elegemos o enredo da Unidos da Tijuca, de 2004, que se destaca dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, seja pela temática, seja pela linguagem plástica, tornando-se nosso *documento* de análise de onde poderemos assinalar as relações emblemáticas que poderão servir para analisar o carnaval, ou melhor, o desfile como forma narrativa de um conhecimento científico. Esse desfile, foi também objeto de escrita de Hoffmann (2007) – Prêmio Nobel de Química –, por ter sido desenvolvido junto a pesquisadores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro que deram visibilidade junto a comunidade acadêmica.

Algumas elocubrações possíveis

Foi possível pensar a arquitetura da Marquês de Sapucaí e como isto cria a maneira de desfilar e a possibilidade de se aprender com este local, haja visto toda ordenação proposta e os múltiplos olhares.

Olhamos também alguns aspectos do regulamento da LIESA que normatiza o desfile, cria tempos, cria maneiras e diz como a escola deve proceder para o desfile.

Mostramos com algum detalhamento como são criadas nossas categorias e os movimentos que fizemos junto a nossos documentos.

Por fim sinalizamos quais as condições nos levam a tomarmos como emblema o desfile da Unidos da Tijuca (2004), seja por uma ou mais linguagens acionadas por este desfile.

Em nosso próximo movimento visibizaremos as linguagens acionadas no desfile das escolas de samba que interpelam e criam as aprendizagens sobre a ciência tomando como fio condutor *O sonho da criação, a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível* (BRASILIANA, 2004).

Referências

APOTEOSE.COM. G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. Sinopse 2005. 2005.

Disponível em: <<http://www.apoteose.com/siteantigo/mangueira/sinopse2005.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

ARAÚJO, Hiram. **Carnaval: seis milênios de história.** Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2000.

BIAS, Mauro de. Apagando o passado. **Revista de História.com.br.** Publicado em 31 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/borracha-e-trator-na-historia>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **MME lança Guia para Eficiência Energética nas Edificações Públicas.** Brasília, 2015. Disponível em:

<http://www.mme.gov.br/web/guest/pagina-inicial/manchete/-/asset_publisher/neRB8QmDsbU0/content/mme-lanca-guia-para-eficiencia-energetica-nas-edificacoes-publicas>. Acesso em: 28 jan. 2016.

BRASILIANA: a divulgação científica no Brasil. O sonho da criação, a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível. Publicada em 01 de janeiro de 2004. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=109&sid=20>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CAVALCANTI, Maria L. V. de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Tradução de Claudia Santanna Martins. Revisão de Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERREIRA, Felipe. Escolas de Samba: Uma organização possível. **Revista Eletrônica Sistemas & Gestão**, vol. 7, n. 2, pp. 164-172, 2012.

_____. **Guia do carnaval no Rio de Janeiro: 95/96.** Rio de Janeiro: Casa Amarela, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso.** 20 ed. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **A arqueologia do Saber.** 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.

GALERIA do Samba. G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro. 2006. Disponível em:

<<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/academicos-do-Salgueiro/2006/3/>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

_____. G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense. Sinopse do Enredo. 2004. Disponível em:

<<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/imperatriz-leopoldinense/2004/6/>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** 11 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

HOFFMANN, Roald. **O mesmo e o não mesmo.** São Paulo: UNESP, 2007.

SOARES, Alessandro Cury; LOGUERCIO, Rochele de Quadros; FERREIRA, Luiz Felipe (2016).

LIESA. Manual do julgador. Rio de Janeiro, 2014a. Disponível em:

<<http://liesa.globo.com/2014/por/03-carnaval14/manual/manual.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

_____. **Regulamento Específico dos Desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial da LIESA.** Rio de Janeiro, 2014b. Disponível em:

<<http://liesa.globo.com/material/outroscarnavais/carnaval14/Regulamento%20Carnaval%202014%20-%20LIVRO%20-%20miolo.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

MORAES, Eneida. **História do Carnaval Carioca.** Revisada e atualizada por Haroldo Costa. Rio de Janeiro: Record, 1987.

SOARES, Alessandro C; LOGUERCIO, Rochele de Q; FERREIRA, Felipe. **Dos pontos as linhas:** Produzindo contatos entre Ciência e Carnaval. Porto Alegre: UFRGS, 2016. (no prelo)

Recebido para publicação em junho de 2016
Aprovado para publicação em dezembro de 2016